

Os Estudantes das Geraes*

Heloisa Starling

Entre os anos de 1767 e 1795 cerca de 300 estudantes nascidos na América portuguesa tinham-se matriculado em universidades europeias, em especial, na Universidade de Coimbra e, em menor proporção, em escolas francesas, particularmente na Faculdade de Medicina de Montpellier. Eram muito jovens, ávidos na busca de informações sobre as mudanças que o mundo experimentava e costumavam retornar das viagens que faziam à Europa trazendo livros ainda que proibidos e idéias subversivas sobre o sistema colonial. Escreviam poemas em que atacavam o “monstro horrendo do despotismo”, metiam-se em sociedades secretas onde juravam “romper as cadeias que prendiam o Brasil a Portugal” e cultivavam uma confusa profusão de heróis que incluía Rousseau, Montesquieu, Voltaire, Virgílio e Camões.

Pelo menos três desses jovens acabaram tendo sua história presa ao território das Minas Gerais. O primeiro deles era carioca, estudava Medicina e chamava-se José Joaquim da Maia e Barbalho. Em 1786, provavelmente autorizado por um grupo de negociantes do Rio de Janeiro, Maia escreveu uma carta endereçada a Thomas Jefferson, então embaixador na França, para pedir o apoio da recém criada república norte-americana a uma revolta que deveria acontecer na área colonial portuguesa e seria encabeçada por Minas Gerais, Rio de Janeiro e Bahia.

O segundo jovem era filho de fazendeiro abastado, morador na comarca do Rio das Mortes, estudou metalurgia, andou por Portugal e pela Inglaterra e voltou para as Minas carregado de livros — todos repletos de idéias subversivas sobre o sistema colonial e o governo português. Foi provavelmente esse estudante quem colocou nas mãos do alferes Tiradentes um exemplar de uma obra politicamente muito suspeita — a Compilação das Leis Constituintes dos Estados Unidos da América. Participante ativo dos serões sediciosos de Vila Rica, São José del Rey e de São João del Rey, ele seria o responsável pelo processo de produção da pólvora necessária para abastecer as armas dos

*Texto escrito por ocasião da exposição “*Liberdade, essa palavra*”, instalada na UFMG em Setembro/Outubro de 2004.

rebeldes durante o tempo de duração da revolta. Chamava-se José Álvares Maciel.

O último estudante foi contemporâneo de Maia no curso de medicina em Montpellier, chamava-se Domingos Vidal de Barbosa Lage e foi o principal suporte de divulgação das novidades políticas vindas da França, da Inglaterra e da república norte-americana. A fazenda de Vidal Barbosa dispunha de uma biblioteca exemplar para os padrões das Minas e estava posicionada em um lugar estratégico para facilitar a ação de um divulgador entusiasmado de idéias políticas subversivas — na beirada da Estrada Real, próxima a Juiz de Fora, a meio caminho entre Vila Rica e a cidade do Rio de Janeiro.

Talvez tenha começado aí, nos serões sediciosos das Minas do final do século XVIII, a história política dos estudantes mineiros, a matriz do que, um dia, quase 200 anos depois, seria transformado em um movimento político espontâneo, capaz de fazer não apenas propaganda das idéias, mas de agir e ainda mais, agir quase que exclusivamente como cidadãos que tomam parte ativa na vida pública do país. É bem verdade que esse país ainda não existia politicamente na imaginação rebelde dos conjurados do Setecentos mineiro — sua pretensão era criar uma forma republicana de governo para as Minas e não para o Brasil. Foi preciso passar ainda quase um século para que os estudantes de Ouro Preto, reunidos em torno da idéia de República e do tema da Abolição produzissem as primeiras mobilizações organizadas em torno de bandeiras específicas e de palavras de ordem previamente determinadas.

É possível que o aprendizado político dos estudantes de Ouro Preto no final do século XIX tenha se desenvolvido graças a ação dos clubes republicanos — da mesma forma como o aprendizado político dos estudantes mineiros na primeira metade do século XIX ocorreu no Rio de Janeiro, no interior de sociedades secretas, como a Sociedade dos Patriarcas Invisíveis, ou dentro de academias literárias como a Academia Brasílica dos Felizes, a dos Esquecidos ou a Sociedade Literária do Rio de Janeiro. No caso dos clubes, porém, a tradição é antiga, vem do século XVII, traz a marca do republicanismo anglo-saxão, espalhou-se por todo o Brasil e provavelmente forneceu aos estudantes duas das características mais marcantes de seu movimento até os dias de hoje: o modelo da associação voluntária, uma forma política fundamental para o surgimento e para a manutenção daquilo que chamamos espaço público; o treinamento em cultura democrática particularmente no que se refere à capacidade de incorporação de valores políticos sobretudo os valores da igualdade e da fraternidade.

Com certeza foram essas duas características as responsáveis pela formação de um movimento político de natureza única, marcado por um fenômeno singular, por uma particular faculdade de se debruçar sobre o bem público,

de exceder os limites do mundo privado e de ultrapassar os interesses e as motivações exclusivamente individuais. No caso de Minas Gerais é possível supor que a natureza singular desse movimento tenha se consolidado e assumido sua forma definitiva a partir dos anos de 1940, principalmente em decorrência da luta contra a ditadura de Getúlio Vargas e contra o fascismo.

Quando o Estado Novo dava seus últimos estertores, em Belo Horizonte uma multidão se reuniu em frente ao Palácio da Liberdade convocada por estudantes dos cursos de engenharia, direito e medicina, da então Universidade de Minas Gerais, para protestar contra a ditadura, contra o fascismo, contra Vargas e contra o interventor Benedito Valadares. Cara a cara com os guardas, na frente dos manifestantes, gritando palavras de ordem e dando bananas para o interventor Benedito Valadares que assistia a tudo perplexo da sacada do palácio estava o estudante de medicina Hélio Pellegrino — um personagem muito emblemático para contar a história do movimento estudantil de Minas Gerais.

Não é difícil identificar porque. Hélio Pellegrino carregava consigo, em doses fartas, algumas das marcas mais características da atuação pública desse movimento: eloquência, irreverência, vitalidade intelectual, generosidade social. Os anos das décadas de 60 e 70, porém, se encarregariam de acrescentar a essas marcas um outro traço característico. É a partir de então que o movimento estudantil consolidou dentro de sua prática política toda uma carga utópica difícil de ser extinta, toda uma crença no poder inesgotável da imaginação humana para revolucionar e reformar o país — uma crença curiosamente análoga a um forte desejo de evasão no imaginário que já sustentava a intencionalidade utópica dos revolucionários dos séculos XVIII e XIX e que Tocqueville definiu como uma espécie de culto ao impossível gerado no começo do processo revolucionário e em seu interior.

Durante as décadas de 1960 e 1970 o movimento estudantil mineiro encontrou em Belo Horizonte dois lugares decisivos para garantia de sua existência política: um, o colégio Estadual Central onde se produziu o mais vigoroso movimento secundarista da história do estado. O outro, a Universidade Federal de Minas Gerais, principal centro gerador de ação política, de assembléias, passeatas e panfletos, espaço de contestação estética e território de radicalização que se inspirava ora nos pensadores libertários e nos princípios da desobediência civil, ora na expansão da violência considerada irreversível por seus protagonistas.

Nos anos em que durou o regime militar brasileiro os estudantes mineiros teimaram em produzir eventos mais ou menos violentos, mais ou menos organizados, mais ou menos reprimidos, mais ou menos libertários, curiosamente sem existir nenhum centro único coordenador de toda essa agitação.

E em toda essa série de eventos o espaço público foi retomado — e muitas vezes renovado — com o exercício quase cotidiano da ação, da palavra, dos direitos políticos. E sobretudo, esse espaço foi retomado a partir da percepção de que existe uma dimensão de felicidade em abandonar certa opacidade triste que recobre nossas vidas privadas. Havia um poeta, no século XVIII, que também foi estudante em Coimbra e também teve seu destino irremediavelmente atrelado à história das Minas Gerais que dizia em um de seus versos:

“Eu tenho o coração maior do que o mundo”.

O poeta chamava-se Tomás Antônio Gonzaga e seu verso parece intuir um pouco da descoberta dos sentimentos e das emoções que ultrapassam os limites estreitos do nosso mundo privado e produzem o gesto de exuberância política tão característicos da história do movimento estudantil. Quem sabe, então, o resgate à memória e aos eventos e personagens que formam essa história possa ajudar, de alguma maneira, a esse coração continuar batendo.